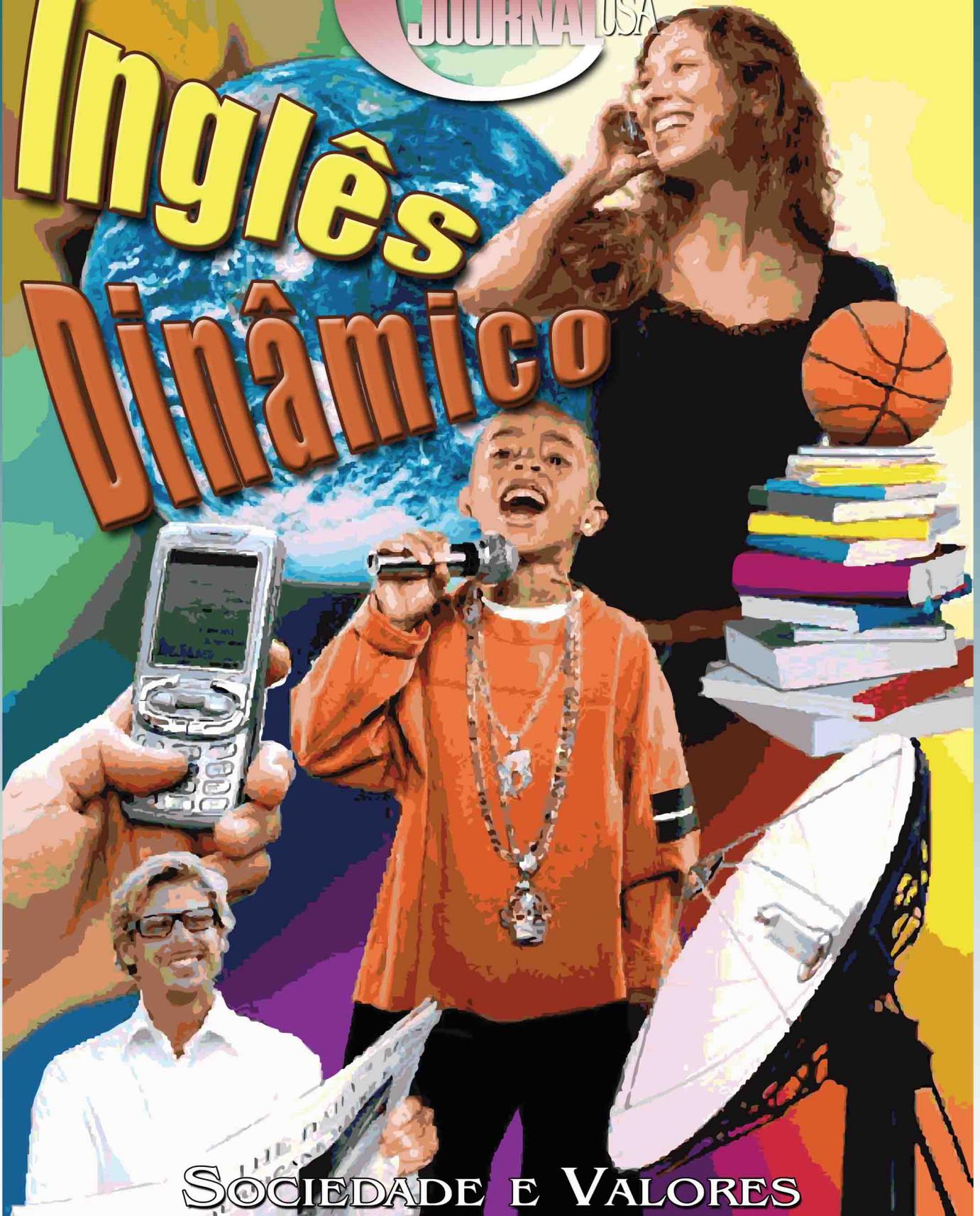




Inglês Dinâmico



SOCIEDADE E VALORES



Sociedade e Valores: Volume 12, número 8

Programas de Informações Internacionais:

Coordenador	Jeremy F. Curtin
Editor executivo	Jonathan A. Margolis

Diretor de criação	George Clack
Redator-chefe	Richard W. Huckaby
Editor-gerente	Robin L. Yeager
Gerente de produção	Christian Larson
Assistente de gerente de produção	Sylvia Scott
Produtora Web	Janine Perry

Revisora de português	Marília Araújo
Editor assistente	Chandley McDonald
Editora de cópias	Rosalie Targonski
Editora de fotografia	Ann Monroe Jacobs
Especialista em referências	Martin J. Manning
Especialista em direitos autorais	Connie Faunce
Ilustração da capa	Bryan Kestel

Os editores agradecem a generosa contribuição de imagens e vídeos, alguns dos quais representam produtos comerciais. O uso dessas imagens pelo Departamento de Estado dos EUA não constitui de forma alguma um endosso a esses produtos.

O título desta edição, "Inglês Dinâmico", apenas descreve o assunto de que tratamos: o estado de mutação do inglês americano moderno. A revista não está vinculada a nenhum outro programa, publicação ou produto associado às palavras "inglês dinâmico".

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica cinco revistas eletrônicas com o logo *eJournal USA — Perspectivas Econômicas, Questões Globais, Questões de Democracia, Agenda de Política Externa e Sociedade e Valores* — que analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma revista nova em inglês, seguida pelas versões em francês, português, espanhol e russo. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas em <http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na Embaixada dos EUA em seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*
IIP/PUBJ
U.S. Department of State
301 4th Street, SW
Washington, DC 20547
United States of America
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Sobre Esta Edição

Em seu artigo “Mudanças Vão Te Fazer Bem”, Ilan Stavans mostra que o grande desafio dos dicionários e dos envolvidos em sua produção é que quando uma lista fica pronta com todas as palavras possíveis e os significados de cada palavra, a lista e os significados já estão começando a ficar ultrapassados. A dificuldade é quase a mesma quando tentamos descrever as forças que influenciam uma língua, ilustrar os tipos de mudanças que ocorrem e descrever o processo. Chamamos esta revista de “Inglês Dinâmico” porque ela analisa o modo como a língua mais utilizada no mundo está evoluindo no século 21 sob pressão da tecnologia, da globalização e da imigração.

A cada dia, a maioria das pessoas encontra pelo menos uma nova palavra em inglês ou um novo uso para uma palavra, principalmente aquelas que são usuárias da mídia popular ou que lêem blogs e outros sites. Os americanos que vivem em outros países por algum tempo estão bem cientes dessas mudanças em nossa língua. Quando encontramos outros americanos no exterior ou retornamos aos Estados Unidos após ter trabalhado em outro país, somos surpreendidos por novas palavras e frases que parecem estar bem popularizadas, apesar de termos acabado de encontrá-las. Quando ouvi a expressão “24/7” pela primeira vez, ela já estava sendo utilizada em quase todo o mundo para indicar tópicos, serviços ou programas que funcionam 24 horas por dia, sete dias por semana. E não vou esquecer tão cedo o choque que senti ao ver um estudante universitário que, ao aprender algo surpreendente, exclamou *Shut-up!* (Cala a boca!). O fato de seus orientadores e colegas não notarem nada de estranho nessa troca foi uma pista de que esse poderia ser um novo uso para um termo que sempre considere rude. Aparentemente ele adquiriu um significado na linha de *No way!* (Conta outra!) ou *You're kidding!* (Você está brincando!).

Todas as línguas vivas evoluem, e o inglês parece mudar mais depressa do que algumas outras. Em *Inventing English: A Portable History of the Language* [Inventando o Inglês: Pequena História da Língua], o lingüista Seth Lerer analisa as mudanças que o inglês vem sofrendo com o tempo, de *Beowulf* (poema épico em inglês antigo) a Chaucer, dos esforços do Webster's para criar novas grafias e novos usos em inglês americano a partir de formas em inglês até as mudanças atuais na língua. Ele credita a Shakespeare a cunhagem de quase 6 mil novas palavras. Esse fenômeno também não é novo para a versão americana da língua. O Sistema Público de Televisão (PBS), rede de TV que produziu uma série de programas intitulada *Do You Speak American?* [Você



Charles Krupa/AP Images

Ginormous (extremamente grande) é uma das 100 novas palavras a serem acrescentadas na próxima edição do *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*

Fala Inglês Americano?], atribui ao ex-presidente dos EUA Thomas Jefferson o fato de ter acrescentado o maior número de palavras novas (até agora). O site do programa explica a relação entre língua e cultura desta forma: A língua planta suas próprias sementes de mudança; o contexto social dá o solo fértil para seu crescimento e disseminação.

Mas essas mudanças são boas? Os criadores da série do PBS perguntaram, “Somos menos letrados do que costumávamos ser? O e-mail está arruinando a língua?” Em sua coleção de ensaios de 2001, *The Way We Talk Now* [Como Falamos Hoje], Geoffrey Nunberg destaca que “o inglês americano sempre foi muito aberto ao empréstimo de palavras de outras línguas”. Ele acredita que misturar elementos de diferentes culturas, quer se trate de língua ou de comida, pode produzir resultados interessantes e satisfatórios. Nunberg tem mais a criticar nos especialistas que reclamam das mudanças, crenças de que são mais espertos do que a língua (ou seus usuários), do que aqueles que criam e difundem novas palavras e novos usos. Lerer concorda com a maioria de nossos colaboradores e escreve, “Não devemos ver nossa língua como adulterada. A história do inglês é uma história de invenção: encontrar novas palavras e novas identidades, cunhar frases que possam agregar valor no mercado lingüístico.”

Como Nunberg escreve na introdução de sua coleção de ensaios de 2004, as mudanças na língua podem servir de pistas para mudanças importantes na própria sociedade. As listas de características e valores que definem a cultura americana incluem palavras como mudança, inovação, mistura, praticidade, honestidade. Talvez então não seja de surpreender que o inglês americano esteja mudando constantemente e que essas mudanças reflitam outras mudanças na cultura.

Robin L. Yeager



SOCIEDADE E VALORES

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / AGOSTO 2007 / VOLUME 12 / NÚMERO 8

<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>

Inglês Dinâmico

- 4 Mudanças Vão Te Fazer Bem**
ILAN STAVANS, PROFESSOR DE CULTURA LATINO-AMERICANA E LATINA, UNIVERSIDADE DE AMHERST, AMHERST, MASSACHUSETTS
O inglês, como todas as línguas vivas, é vibrante, imprevisível e está sempre mudando.
- 7 Desvendando Mistérios: Ferramentas para Decodificar Gírias**
A. C. KEMP, DIRETORA DO SITE SLANG CITY E PROFESSORA DE ESTUDOS DA LÍNGUA INGLESA, INSTITUTO DE TECNOLOGIA DE MASSACHUSETTS, CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS
A internet fornece vários sites que ajudam os leitores a entender a gíria americana.
- 11 A Linguagem dos Blogues**
REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS
Reimpresso de *Handbook for Bloggers and Cyber-Dissidents* [Manual dos Blogueiros e Dissidentes Cibernéticos]
- 13 A Fala dos Jovens**
ROBIN FRIEDMAN, JORNALISTA E AUTORA
Os jovens são os que mais inventam expressões de gírias.
- 16 Começou o Jogo! Expressões Idiomáticas de Esportes e Recreação em Inglês Americano**
JEAN HENRY, AUTORA E PROFESSORA
Por sua popularidade nos Estados Unidos, esportes e jogos contribuem com muitas expressões idiomáticas para o inglês americano.
- 19 O Que Há de Novo? A Influência da Cultura Hip-Hop no Inglês Cotidiano**
EMMETT G. PRICE III, PH.D, PROFESSOR ASSISTENTE DE MÚSICA E DE ESTUDOS AFRO-AMERICANOS, UNIVERSIDADE NORTHEASTERN, BOSTON, MASSACHUSETTS
O léxico urbano da geração hip-hop ganha espaço entre a grande maioria dos americanos.
- 22 Espanlês: Falando a Língua Louca**
ILAN STAVANS, PROFESSOR DE CULTURA LATINO-AMERICANA E LATINA, UNIVERSIDADE DE AMHERST, AMHERST, MASSACHUSETTS
Nos Estados Unidos, o espanhol e o inglês se misturaram para formar uma língua híbrida.
- 25 Do Árabe para o Inglês**
ALAN PIMM-SMITH, JORNALISTA E PROFESSOR
Centenas de palavras inglesas derivam do árabe.
- 29 Árabe a Cavallo**
GARY PAUL NABHAN, AUTOR
Muitas palavras em inglês relativas a cavalos e equitação vieram do árabe por meio do espanhol.
- 31 Recursos Adicionais**

Vídeo On-line

- *Comercial de Celular da ATT/Cingular
Wireless: IDK, My BFF Jill*

Mãe e filha conversam utilizando o sistema de letras que os adolescentes usam para enviar mensagens de texto — a transmissão deste comercial divertido e exagerado incluiu as legendas exibidas.

Comercial da AT&T de autoria da BBDO

- *Hip-Hop*

Esta promoção do filme documentário sobre o fenômeno hip-hop da série de televisão Independent Lens mostra muitas das imagens e apresenta temas do artigo de Emmet Price, “O Que Há de Novo? A Influência da Cultura Hip-Hop no Inglês Cotidiano”, presente nesta revista.

Vídeo: cortesia do ITVS



<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0807/ijse/ijse0807.htm>

Mudanças Vão Te Fazer Bem

Ilan Stavans



Geoff Crimmins, Moscow-Pullman Daily News/© AP Images

Crianças de oito anos manuseiam seus novos dicionários

A língua em uso, por natureza, é uma força viva, sempre em mutação na sociedade. O autor comemora o fato e discute algumas das influências que contribuíram para o dinamismo da língua inglesa em particular. Ilan Stavans é professor da cátedra Lewis-Sebring de Cultura Latino-Americana e Latina da Universidade de Amherst, em Amherst, Massachusetts. Seus livros incluem Dictionary Days (Graywolf) e Love and Language (Yale University Press).

Quantas palavras existem na língua inglesa? Segundo o *Oxford English Dictionary (OED)*, um total de mais de 600 mil. Todos temos, é claro, a capacidade de lembrar apenas de uma fração. Quantas, exatamente? Depende de quem responde à sua pergunta. O vocabulário de uma pessoa sofre grandes transformações na vida: da meia dúzia de palavras do balbuciar de um bebê e o repertório repleto de jargões de um adolescente até os enunciados dos adultos em diferentes contextos

(casa, trabalho, amigos, etc). Na verdade, o inventário de palavras nunca se completa. Não somente pelo fato de, como indivíduos, estarmos em constante mudança, mas porque a linguagem como tal não é estática. O *OED* como léxico histórico continua a crescer. Ele nunca teve tantas entradas como hoje. Porém, um grande número delas – chamadas “vozes” – são arcaicas, quase nunca usadas atualmente.

Todas elas apontam para duas forças oponentes constantemente ativas na nossa linguagem: efemeridade e durabilidade. Somente as línguas mortas são estáticas. Vejamos o aramaico, por exemplo. Seu uso atual é geralmente limitado a estudiosos de história ou religião. Sendo assim, não há necessidade de se procurar equivalentes para “fax”, “soft money” e “esteróides”. Seu léxico é estável. Por outro lado, muitas línguas modernas (por exemplo, mandarim, inglês, espanhol, francês, russo e árabe) estão sempre em mudança. Para sobreviver, elas estão em constante expansão, importando termos estrangeiros ao mesmo tempo em



Shawn Baldwin © AP Images

A mistura de faces nesta cena de rua urbana reflete a composição da sociedade moderna nos Estados Unidos e ajuda a explicar como as línguas se misturam

que exportam seu banco de dados para outros idiomas. As grandes ondas de imigração do mundo moderno, juntamente com a tecnologia instantânea que inventamos (televisão, rádio, cinema, internet), estimulam a fertilização cruzada verbal. Quantas palavras germânicas tem a língua inglesa? E quantos anglicismos são aceitos no espanhol? A resposta, mais uma vez: muitos. A tensão entre o efêmero e o duradouro é a chave da vida: uma língua em uso não pode ser alterada a ponto de abolir sua essência; mas a essência apenas não torna a linguagem vibrante.

Desnecessário dizer que algumas línguas são mais versáteis que outras. Eu nasci no México. Logo após ter chegado aos Estados Unidos, em 1985 (na cidade de Nova York, para ser mais preciso), me dei conta da versatilidade do inglês americano. Uma simples volta de metrô me poria em contato com dezenas de dialetos diferentes. O elemento comum era o desejo de todos de dominar o inglês. Mas esse desejo se chocava com a onipresença das linguagens que as pessoas traziam consigo de seus locais de origem. O resultado era uma mescla, uma mistura, como a de Babel. Em outras palavras, não importava para onde eu fosse, o inglês que ouvia era impuro, contaminado, sempre interagindo com outros códigos de comunicação. Assim como eu, milhões de imigrantes aprendem inglês nas ruas. Alguns podem ter acesso ao aprendizado mais formal, mas até esses são

influenciados pela pervasividade da cultura popular. E a cultura popular não obedece regras rígidas. Ela tende a ser viva, imprevisível, caótica. Assim, para entender como a linguagem funciona através de tudo isso, é só apreciar sua liberdade.

Tenho uma grande coleção de dicionários em minha biblioteca pessoal. A maioria é monolíngüe. Alguns são históricos. Tenho alguns definidos por coordenadas nacionais e geográficas: um léxico de espanhol argentino, outro de inglês do sudeste e um terceiro de francês de Quebec. Tenho dicionários elaborados em torno de uma especialidade: léxicos médicos, de esporte e de propaganda. Além disso, tenho alguns bilíngües e até multilíngües, como meus dois volumes de hebraico-grego-latim. Tê-los junto a mim serve de inspiração. Os componentes básicos de toda a poesia jamais escrita – que vai da Bíblia, Homero e Dante até Shakespeare, Emily Dickinson, Allen Ginsberg e Derek Walcott – estão contidos neles, de forma desordenada, obviamente. Para mim, os poetas são “descobridores” de linguagem: eles fazem sentido trazendo ordem à língua em uso, uma nova ordem, diferente de todas que vieram antes.

Dicionários são uma ferramenta essencial para manter a língua de forma coesa. São manuais de uso e receptáculos de sabedoria. São também reservatórios de memória contendo a maneira como as pessoas utilizavam as palavras no passado.



Lynne Sladky/© AP Images

Vindos da Nicarágua, da Tailândia e do Equador, estes três novos americanos juntam-se aos outros cerca de 6 mil oriundos de todas as partes do mundo que se tornaram cidadãos naturalizados dos EUA em cerimônias em Miami Beach, Flórida, em 13 de junho de 2007

Podem também ser instrumentos de coerção. Em tempos de repressão política, são usados pelos regimes tirânicos como prova de que os rebeldes estão aplicando termos de maneira imprópria, isto é, descaracterizando o legado coletivo. O que eu acho mais encantador, e frustrante, nos dicionários, é a sua ineficácia. Por natureza, sua ambição cai por terra. No momento em que uma nova edição de capa dura do *OED* é publicada, seu conteúdo já está ultrapassado. Os milhares de palavras criadas pelas pessoas a partir do momento em que o manuscrito foi para impressão não estão ali. Assim, como no mito de Sísifo, seus redatores devem continuar o trabalho de forma imediata, incessante e sem fim. Porém, eles nunca serão bem-sucedidos, porque estão tentando o impossível: conter a língua em uso, torná-la administrável. Por sua própria natureza, uma língua viva é inquieta, sua energia nunca termina.

Em um parágrafo anterior, mencionei a imigração. No que se refere ao inglês americano – como o jornalista americano H.L. Mencken entendeu perfeitamente – sua versatilidade depende da presença revigorante dos imigrantes que chegam à nação vindos de todos os cantos do mundo. Se o país desempenhar suas funções de maneira adequada, esses imigrantes em um período de tempo relativamente curto adquirirão habilidades de língua inglesa suficientes para se tornarem parte do mosaico social. Mas sua assimilação nunca

é uma via de mão única. Quando os imigrantes se tornam americanos, os Estados Unidos também se modificam com sua presença. Esse intercâmbio é reconhecível em particular no nível da linguagem. Assim como irlandeses, escandinavos e judeus recém-chegados tornaram-se fluentes em inglês, o idioma da nação incorporou vozes, expressões, padrões sintáticos e outras destrezas verbais que os imigrantes trouxeram. E o resto da população acolheu esses elementos.

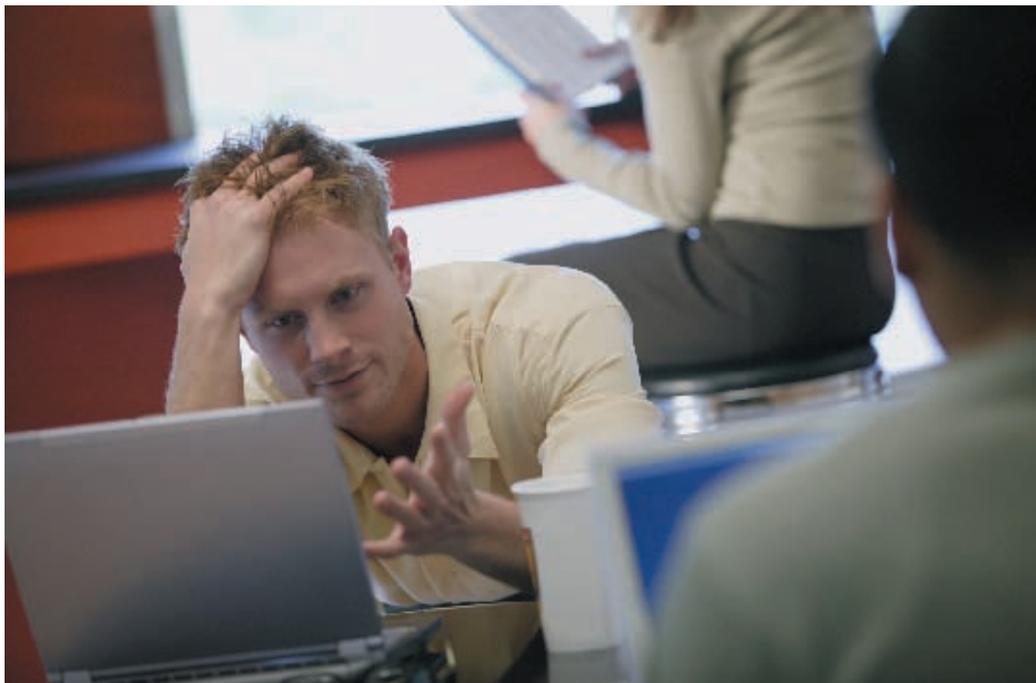
Não me surpreende muito quando descubro, o que acontece frequentemente, que uma porção generosa dos lexicógrafos vem de famílias de imigrantes. Seus pais foram os que aprenderam o inglês. Em conseqüência, no ambiente doméstico as palavras eram constantemente contestadas. Por que esse termo é escrito dessa forma? E a sua pronúncia? Quais são suas raízes? Sabemos disso por experiência: imigrantes são conversores. Ao incorporar uma língua estrangeira, eles a acolhem com convicção, estudando suas regras com um zelo que os nativos da língua raramente compartilham .

Então, para a pergunta: quantas palavras existem na língua inglesa, a resposta que sugiro é: nunca o suficiente. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Desvendando Mistérios: Ferramentas para Decodificar Gírias

A.C. Kemp



Como decifrar o significado de uma palavra se ela não está no dicionário?

O inglês é sempre complicado para os estudantes da língua e também para os falantes nativos. A autora revela várias formas de encontrar o significado de novas expressões de gíria. A.C. Kemp é diretora do site de gírias americanas Slang City [<http://www.slangcity.com>] e professora do programa de Estudos da Língua Inglesa do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, em Cambridge, Massachusetts.

Desde que comecei a dar aulas de inglês como segundo idioma, há 12 anos, sempre ouço os estudantes reclamarem que quanto mais palavras aprendem, mais palavras desconhecidas encontram.

Entendo suas frustrações. Um dos maiores desafios para aprender uma língua é dominar seu vocabulário e, segundo dizem, o inglês tem mais palavras do que qualquer outro idioma. Embora as estimativas variem, a segunda edição do Oxford English Dictionary define mais de 170 mil palavras em uso corrente – número assustador que cresce a cada ano.

Se todas as palavras oficiais tornam a língua difícil

para os estudantes de inglês, as não oficiais são ainda mais problemáticas: o léxico das ruas, da cultura popular e dos grupos fechados. Mesmo os falantes nativos podem ficar desconcertados com esses códigos aparentemente indecifráveis, como dirá qualquer pai com filhos adolescentes.

Mas isso não significa que não se possam encontrar pistas para resolver tais mistérios lingüísticos. Com um pouco de trabalho e uma conexão com a internet, você pode ser um verdadeiro Sherlock Holmes do idioma.

Muitas vezes o primeiro passo é descobrir o que você está procurando. Na música popular, por exemplo, os cantores raramente se preocupam em pronunciar as palavras com clareza. Na verdade, a interpretação equivocada de letras de músicas é tão comum que há um site popular [<http://www.kissthisguy.com>] dedicado



Decodificar gíria pode ser um trabalho de detetive



Tony Avelar/AP Images

O rapper E-40, de San Francisco, criou tantas palavras novas que se autodenomina o rei da “slanguistics” (algo como “gíristica”)

a esclarecer esses mal-entendidos. Para complicar, quando ouvimos uma palavra estranha, nosso cérebro naturalmente tende a substituí-la por algo mais familiar. Assim, o apelo get hyphy (enlouqueça) do rapper E-40, de San Francisco, pode ser ouvido como get high fee (pague altos impostos) por aqueles que não conhecem essa gíria regional.

Felizmente há uma quantidade significativa de sites de letras de músicas on-line criados por fãs, e, ainda melhor, os músicos freqüentemente colocam as letras de suas canções em seus sites oficiais. Do mesmo modo, muitas transcrições de programas de TV e filmes estão disponíveis na rede, caso você tenha dúvidas sobre o que ouviu no



John Partipilo, The Tennessean/AP Images

O filme *Os Simpsons* lembra aos espectadores expressões e frases especiais que a série tornou famosas



Chris Pizzello/AP Images

Kiefer Sutherland é o astro da série de TV '24'

filme *Os Simpsons* ou na série 24. Transcritos diretamente dos programas terminados, esses documentos são mais precisos do que os scripts, que podem mudar durante a filmagem.

Uma vez conhecida a palavra, é hora de procurar a definição. Acredite ou não, vale a pena começar por um dicionário comum. Muitos têm acréscimos de novas palavras todos os anos e, à sua conveniência, você pode pesquisar em mais de uma dezena de dicionários on-line ao mesmo tempo no *Onelook* [<http://www.onelook.com>].

Se você procura termos novos falados nas ruas ou gírias, a maior referência da rede é o *Urban Dictionary*

[<http://www.urbandictionary.com>]. O conteúdo desse site é criado pelo usuário; qualquer pessoa pode acrescentar uma palavra, e centenas de jovens fazem isso todos os dias. As definições são classificadas por outros visitantes quanto a sua precisão, e a entrada com o histórico mais positivo é colocada no topo, o que resulta em melhor precisão.

Esse sistema tem vantagens e desvantagens. Por um lado, se não houver muitos votos, você pode não se sentir seguro de que uma definição seja correta. Por outro, esse mecanismo incentiva entradas múltiplas para a mesma palavra, aumentando suas chances de localizar os fatos de que precisa. Por exemplo, a palavra “n00b”, que descreve um novo e inexperiente jogador de jogos de computador on-line, é grafada de forma muito pouco usual; você provavelmente não pensaria em usar zeros para a letra “O”, a não ser que a tivesse visto impressa desse modo. No entanto, nesse site você também pode encontrar definições para ela com as grafias noob, nube ou newb.”

Se o *Urban Dictionary* é o lugar onde se deve ir para procurar nova linguagem de adolescentes definida diretamente por seus usuários, o *pequeno Double-Tongued Dictionary* [<http://www.doubletongued.org>] é de grande ajuda para aprender as gírias e os jargões mais recentemente inventados e que podem ser encontrados em fontes impressas como jornais e revistas. Esse site, freqüentemente atualizado, inclui definições e numerosos exemplos de termos usados no dia-a-dia em áreas tão diversificadas quanto as de negócios, esportes e política.

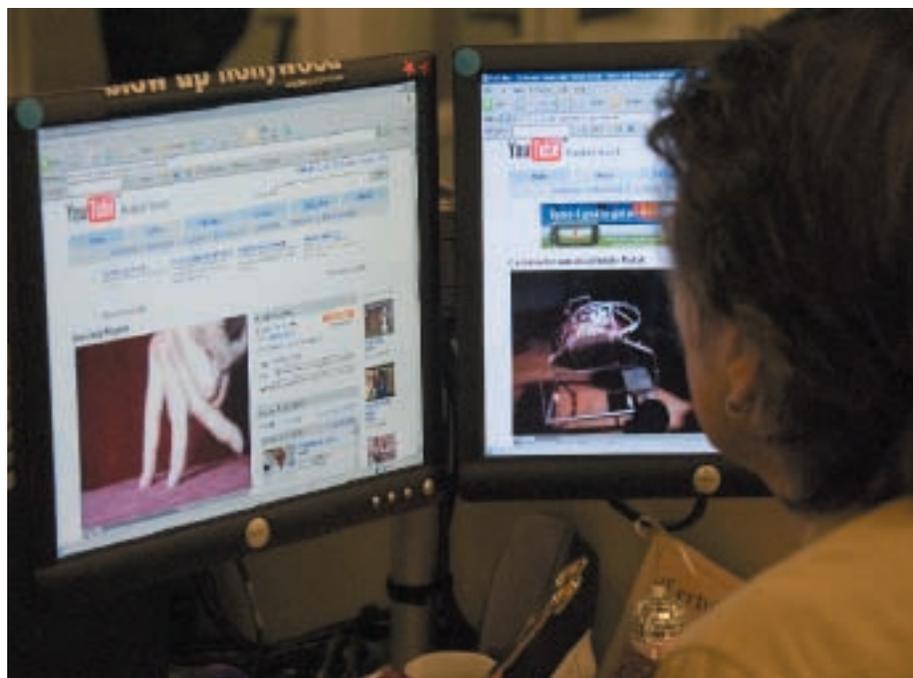
Como vários tipos de gírias são específicos de um grupo, se você está assistindo a um torneio de skate, lendo um livro sobre os caubóis americanos no século 19 ou ouvindo música *hip-hop*, talvez queira consultar uma fonte especializada. Para encontrar esses guias fechados, experimente pesquisar seu tópico on-line junto com a palavra *glossary* ou *dictionary*. Surpreendentemente, existem minidicionários para quase todos os esportes, passatempos favoritos e profissões.

Seja qual for a sua fonte de consulta, lembre-se sempre de que assim como um bom escritor de tramas misteriosas lança *red herrings* (pistas falsas) na história, o idioma inglês pode enganá-lo com palavras que têm mais de um sentido. Por exemplo, se um adolescente americano lhe disse que sua camiseta era *sick* (nojenta), você pode ter se sentido ofendido. No entanto, na gíria, *sick* pode ser um grande elogio. Leia todas as definições e escolha a que melhor se encaixar ao contexto em que você ouviu a palavra.

Além disso, pode ser difícil interpretar o sentido de diversas palavras que se houve na rua usadas juntas, especialmente se o contexto inclui referências culturais obscuras. Por essa razão, desenvolvi o *Slang City* [<http://www.slangcity.com>], que oferece explicações detalhadas de citações usadas em filmes e na música popular.

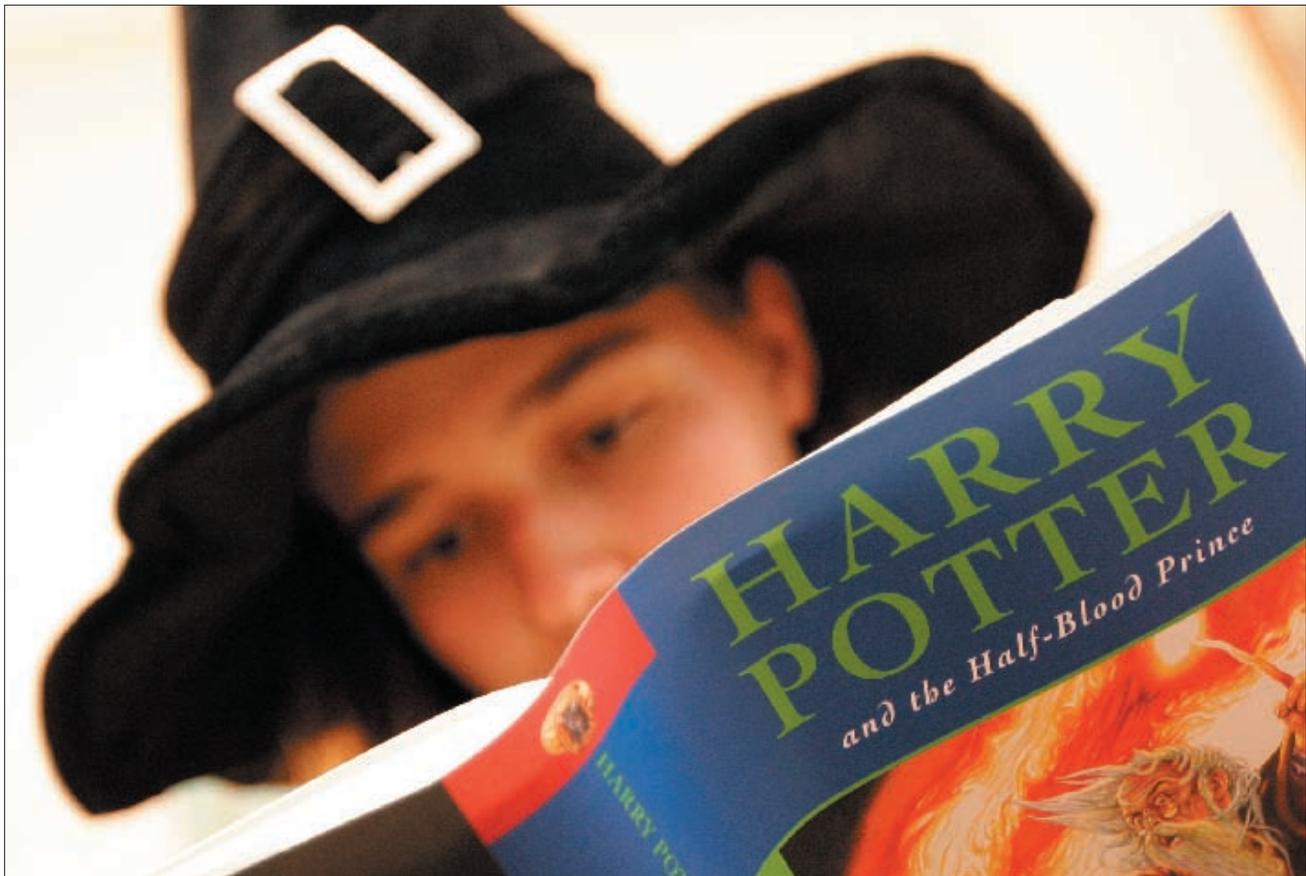
Por fim, há situações em que, como dizemos em inglês, uma imagem vale mais que mil palavras. Por exemplo, o *Urban Dictionary* define *skanking* como uma dança de ritmo musical Ska que parece como se a pessoa

estivesse “correndo no lugar e balançando os braços”. Se é difícil imaginar, uma rápida pesquisa no YouTube [<http://www.youtube.com>] oferecerá a você dezenas de vídeos mostrando os movimentos dessa estranha dança, bem como exemplos sonoros do estilo de música. Você também pode encontrar ilustrações visuais de gírias para designar estilos de cabelo, acessórios de carros, gestos e outras imagens em bancos de dados de fotos compartilhados, como o Flickr [<http://www.flickr.com>]. Todas as imagens são marcadas com etiquetas descritivas, tornando fácil encontrar o que se procura.



Cameron Bloch/© AP Images

Os vídeos do YouTube oferecem exemplos de gírias



Franka Bruns/© AP Images

Harry Potter, de J.K. Rowling, e seus amigos contribuíram com muitas palavras novas para seu público

Como se pode observar, para cada tipo de inglês há uma fonte on-line. Sherlock Holmes pode ter tido apenas um Watson para ajudá-lo, mas o detetive de palavras inglesas tem centenas de assistentes on-line prontos para revelar os segredos da língua. Desvendar os mistérios dessa língua em constante evolução é apenas uma questão de um clique no mouse.

Você também poderá consultar outros sites não mencionados antes:

Amostragem de minidicionários on-line pouco usuais

Dicionário de rap: <http://rapdict.org>

Gírias de músicas rap

Old West Legends (Lendas do Velho Oeste): <http://www.legendsofamerica.com/WE-Slang.html>

1800 expressões do Oeste americano

Skateboarding Glossary (Glossário de Skate): <http://www.exploratorium.edu/skateboarding/largeglossary.html>

Glossário de termos de skate do Exploratorium de San Francisco, incluindo vídeos de manobras.

Gírias da Grande Depressão: [\[xroads.virginia.edu/~MA04/hess/Slangslang.html\]\(http://xroads.virginia.edu/~MA04/hess/Slangslang.html\)](http://</p>
</div>
<div data-bbox=)

Termos de gíria surgidos entre 1928 e 1941

Sites de transcrição de filmes/TV e letras de músicas

Leo's Lyrics: <http://www.leoslyrics.com/>

Banco de dados de letras de músicas que permite pesquisar por artista, título ou palavras-chave

Drew's Script-O-Rama: <http://www.script-o-rama.com>

Textos originais e transcrições de filmes e shows de televisão, novos e antigos.

Twiz TV: <http://www.twiztv.com/scripts/>

Transcrições de shows populares de TV, incluindo vários programas novos. (Observação: Infelizmente este site tão útil exibe anúncios pop-up.) ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição
_____nem as políticas do governo dos EUA.*

A LINGUAGEM DOS BLOGUES

De Pointblog.com



Bébetto Matthews/ © AP Images

Com seu blogue, Julia Langbein ganhou um seqüito leal entre seus leitores

Blog (blogue) — Abreviação de Weblog (diário na rede). Um site que contém material escrito, links ou fotos postadas o tempo todo, geralmente por um indivíduo, em base pessoal.

(To) blog (bloguear) — Administrar um blogue ou postar material em um.

Blogger (blogueiro) — Pessoa que administra um blogue.

Blogosphere (blogosfera) — Todos os blogues ou a comunidade dos blogues.

Blogroll — Lista de links externos que aparecem em um

blogue, muitas vezes links com outros blogues e geralmente em uma coluna da home page. Com frequência engloba uma “subcomunidade” de blogueiros amigos.

Blogware — Software usado para administrar um blogue.

Comment spam (spam de comentário) — Como um spam de e-mail. “Spambots” (programas coletores de endereços de e-mails) robôs inundam um blogue com propaganda sob a forma de falsos comentários. Esse é um problema grave que exige que blogueiros e plataformas de blogues tenham ferramentas para excluir alguns usuários ou banir alguns endereços.

Content syndication (distribuição de conteúdo) — Como o autor ou administrador de um site torna disponível todo ou parte do seu conteúdo para ser postado em outro site.

Moblog (moblogue) — Contração de “mobile blog” (blogue móvel). Um blogue que pode ser atualizado de modo remoto de qualquer lugar, como por exemplo por telefone ou um assistente digital.

Permalink — Contração de “permanent link” (link permanente). Endereço, na rede, de cada item postado em um blogue. Um modo cômodo de marcar permanentemente um item, mesmo depois de ter sido enviado para o arquivo morto pelo blogue que o originou.

Photoblog (fotoblogue) — Um blogue contendo principalmente fotos, postadas de maneira constante e em ordem cronológica.

Podcasting — Contração de “iPod” e “broadcasting” (transmissão). Exibição de material de áudio e de vídeo em um blogue e seu RSS feed (arquivo alimentador de RSS), para tocadores digitais.

Post — Um item exibido em um blogue. Pode ser uma mensagem, uma notícia, uma foto ou um link. Geralmente



Karen Tam/© AP Images

Podcaster trabalhando

é um item curto, incluindo os links externos, passíveis de comentários dos visitantes.

RSS (Really Simple Syndication, Distribuição Realmente Simples) — Um modo de lidar com os últimos itens postados em um site. É especialmente adequado para blogues por alertar os usuários sempre que seus blogues prediletos são atualizados. Pode também “compartilhar” o conteúdo, permitindo que outros sites (de modo simples e automático) reproduzam o conteúdo de um site no todo ou em parte. Dissemina-se rapidamente, especialmente em sites de mídia.

outro que um item postado em um blogue refere-se a um item anterior.

Web diary (diário na rede) — Um blogue.

Wiki — Deriva da palavra havaiana “wikiwiki” (rápido). Um site que pode ser fácil e rapidamente atualizado por qualquer visitante. A palavra passou a significar também as ferramentas usadas para criar um wiki (ferramentas wiki). Os blogues e os wikis têm algumas semelhanças, mas são bem diferentes.



Dino Vourmas/© AP Images

Jobspot fornece software wiki

Agregador de RSS — Um software ou serviço on-line que permite a um blogueiro ler um RSS feed, especialmente os últimos itens exibidos em seus blogues prediletos. Também chamado de leitor ou leitor de feed.

RSS Feed — Arquivo que contém os últimos itens postados em um blogue. É lido por um agregador/leitor de RSS e mostra imediatamente quando um blogue é atualizado.

Trackback — Um modo de comunicação automática em que os sites alertam um ao

“A Linguagem dos Blogues”, de Pointblog.com, foi extraída e reimpressa com permissão de *Handbook for Bloggers and Cyber-Dissidents* [Manual dos Blogueiros e Dissidentes Cibernéticos] [http://www.rsf.org/IMG/pdf/handbook_bloggers_cyberdissidents-GB.pdf], publicado por Repórteres sem Fronteiras [<http://www.rsf.org>].

A Fala dos Jovens

Robin Friedman



© 2007 Jupiterimages Corporation

Caixa de entrada: How RU? [How are you? ou Como vai?]

As gírias existem provavelmente desde que os adolescentes existem. Os meios eletrônicos de comunicação — e as mudanças na postura de alguns acadêmicos — transferiram as gírias do mundo da palavra falada para o da palavra escrita, com um nível maior de aceitação. Robin Friedman é jornalista e autora de vários livros para crianças e adolescentes.

Se você pensa que a língua inglesa está ficando mais curta, é possível que esteja certo. Dos boletins informativos enviados por e-mail às mensagens de texto e aos famosos tempos de atenção reduzidos, estamos falando menos — e apelando mais para as gírias.

Por quê?

Várias razões poderiam levar a culpa, entre elas uma inescapável saturação de tecnologia aliada à vida corrida, a sempre presente tentação da terminologia dos adolescentes e o inevitável e velho ciclo da evolução — que privilegiam o menos em vez do mais.

Como muitas das nossas comunicações diárias acontecem on-line hoje em dia — o que não se restringe ao e-mail, mas também a mensagens de texto em aparelhos cada vez menores — parece que o inglês do cotidiano foi reduzido a um código

de abreviações aceitas, combinações misteriosas de números e letras e mesmo símbolos que simulam expressões faciais.:

Com frequência tudo em caixa baixa.

Certos números, o “2” (two) e o “4” (four) em particular, desempenham papéis de destaque — substituindo, respectivamente, o “to” e o “for” —, mas o que é de longe a evolução mais intrigante é a aceitação do número “3” (three) para a letra “e” (“b3” e “th3”) e do número “8” pelo seu som (“gr8”, que se pronuncia “greit”, e “l8r”, que se pronuncia “leiter”, para substituir “great” [ótimo] e “later” [mais tarde]).

Enquanto algumas dessas novas e corajosas abreviações podem ser na verdade auto-explicativas [“u” para “you” (você) e “ur” para “your” (seu-s, sua-s)], razoavelmente lógicas [“b4”, que se pronuncia “bi fôr”, para “before” (antes)] ou podem realçar os sons das letras [“qt”, que se pronuncia “kiuti”, para “cutie” (fofo), e “cu”, que se pronuncia “si iu”, para “see you” (até mais)] ou atuam como abreviações [“cuz”, pronúncia “cóz”, para “because” (porque)] ou podem ser simplesmente acrônimos objetivos [“bff” para “best friends forever” (melhores amigos eternos)], algumas realmente beiram o estranho [“peeps” para “people” (pessoas)].

Além disso, em um caso irônico, o termo da gíria excede em tamanho seu antecessor mais curto [“i luv u”, que significa



Marció Jose Sanchez/© AP Images

Bater papo, seja pessoal ou eletronicamente, é uma parte importante da vida do adolescente

“I love you” (eu te amo), hoje é “i heart u”].

Alguns termos que estiveram em circulação por um bom tempo são bastante reconhecíveis: “lol” [“laughing out loud” ou “rindo alto”], “btw” [“by the way” ou “a propósito”], e “imho” [“in my humble opinion” ou “na minha humilde opinião”].

Alguns, entretanto, são intrigantemente enigmáticos: “iykwim” [“if you know what I mean” ou “se você me entende”], “mtfbwy” [“may the force be with you” ou “que a força esteja com você”], e “wysiwyg” [“what you see is what you get” ou “o que se vê é o que será impresso”].

Por vezes, esse vernáculo de sopa de letrinhas parece sem dúvida atordoante para qualquer um, exceto para os lingüistas e fanáticos por informática. No entanto, fica difícil questionar sua velocidade — ou mesmo sua necessidade — quando se é obrigado a utilizar uma engenhoca do tamanho de um palito para responder a um memorando de escritório enquanto se dirige um carro (o que não é recomendado ou legal mas, infelizmente, muito comum).

No entanto, com a exceção de “peeps” (pessoas), todos os exemplos acima são em sua maioria usados em gíria escrita. Gíria falada é uma história totalmente diferente. E é aqui que a geração mais jovem realmente tem a palavra (trocadilho proposital).

A gíria de hoje muda mais rapidamente do que a senha de ontem. Isso porque palavras que eram populares apenas há dois anos perderam a preferência — entre os adolescentes de hoje — por nenhum motivo específico. Entre elas: “phat”, “sweet”, “excellent” e “awesome” (todas das quais significam “bom”). Assim também “dude” (gíria para “cara” nos anos 90).

Mas a gíria tem, portanto, vida curta por natureza. Para que

uma palavra seja gíriosa, ela tem que ter um toque de novidade permanente. A gíria é como moda: nunca está “in” por muito tempo. Os americanos acabam se cansando até mesmo das palavras mais populares e, por seleção natural, somente as mais fortes sobrevivem.

Então o que está na moda hoje em dia? Quero dizer, neste mês?

Se você usar “hot” (ou “quente” no sentido de “bom” e “atraente”), você se assemelha à palavra, por outro lado — pelo menos do ponto de vista da temperatura —, se você usar uma palavra que tem agradado a todas as gerações desde a Grande

Depressão, você dará a impressão de ser, bem, “cool” (“legal”).

“Cool” é sem dúvida pré-histórica, de acordo com os padrões de gíria. O termo surgiu durante a cultura do jazz no fim da década de 30, mas todas as gerações seguintes a incorporaram como se fosse sua própria.

Na verdade, muitas expressões que têm o mesmo significado de “cool” — bully, groovy, hep, crazy, bodacious, far-out, rad, swell — não tiveram o mesmo poder de permanência.

“Cool” é comum não somente entre os adolescentes de hoje mas também entre seus pais. Os adultos são conhecidos por roubar o linguajar de seus filhos, mas hoje em dia saber como falar a esse mercado — literalmente — pode significar a diferença entre lucratividade e falência. A demografia dos adolescentes é responsável por US\$ 170 bilhões ao ano na economia americana, segundo o Taylor Group, empresa de pesquisa que acompanha tendências no mercado dos jovens.

Isso pode explicar porque tantas gírias caíram no uso geral, seja na mídia, na cultura popular ou no uso cotidiano pelas gerações mais velhas, mais próximas da meia idade: “stick it to the man” (vai à luta), “you rock” (você é demais), “whatever” (tá bom), “old school” (à moda antiga) e “talk to the hand” (falando com as paredes).

O fator de atração inerente à gíria, afinal de contas, está na oportunidade de cada geração formar seu próprio léxico. O resultado é um corpo de linguagem que é usado pelo seu sentido de diversão lingüística.

No entanto, como algumas dessas palavras têm a tendência de surgir em ambientes de depravação, elas podem ser ofensivas. Na verdade, os críticos há muito alegam que a gíria possui um efeito



John Raoux/AP Images

Professora americana revisa com seus alunos todos os termos e a ortografia de Instant Messaging (IM), que não devem ser usados em trabalhos escolares formais. Seu uso tornou-se um hábito para muitos alunos

degradante sobre o discurso público. No entanto, essa acusação apenas confirma o seu poder. Afinal de contas, a gíria é, por definição, mais inteligente do que o inglês padrão. Ela pega com facilidade e pode provocar lampejos de humor e até de poesia.

Em 1961, o dicionário *Merriam-Webster's Collegiate*, terceira edição — um tomo publicado desde 1898 — recorreu a publicações populares para suas entradas, em vez de pesquisar com um punhado de acadêmicos, forma pela qual os dicionários eram historicamente escritos.

A edição, que incluiu gírias pela primeira vez, foi chamada de “monstruosa”, “deplorável” e “um escândalo”.

Hoje, no entanto, todos os dicionários incluem gírias, embora nem todos gostem. Um movimento conhecido como “prescritivo” é formado por acadêmicos convictos de que os dicionários deveriam ensinar as pessoas a usar a língua da forma adequada, e chegam a ponto de chamar seus oponentes de “relaxicógrafos” (em vez de lexicógrafos) e os acusam de promover o analfabetismo.

“Descritivos” refere-se aos acadêmicos convictos de que qualquer linguagem usada normalmente pertence ao dicionário. Esses acadêmicos estão mais interessados na comunicação bem sucedida do que na linguagem correta, isto

é, não importa que palavras as pessoas usam para transmitir linguagem, desde que todos entendam.

As gerações mais velhas podem resistir às novas alterações em sua língua por causa da nostalgia dos bons e velhos tempos — ou do horror aos maus e novos tempos.

Na verdade, não existe linguagem correta, pois ela muda continuamente ao longo do tempo.

Nas décadas de 30 e 40, foi a cultura do swing e do jitterbug que criou a gíria da época. Nos anos 50, foi a vez dos poetas do movimento beat e os disc jockeys de fala rápida nas rádios. Na década de 60, foram os hippies. A gíria de hoje tem origem na cultura hip-hop e na música rap.

E para ela falamos “Capiche, yo?” ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Começou o Jogo!

Expressões Idiomáticas de Esportes e Recreação em Inglês Americano

Jean Henry



Paul Sakuma © AP Images

“Game On” (Começou o jogo) é a expressão usada quando os jogadores retomam um videogame

*Expressões idiomáticas oriundas dos esportes e jogos praticados nos Estados Unidos são comumente usadas no inglês americano. A autora dá exemplos de expressões usadas na conversação diária e na mídia. Jean Henry escreveu *How to Play the Game: American English Sports and Games Idioms* [Como Entrar no Jogo: Expressões Idiomáticas de Esportes e Jogos em Inglês Americano]. Professora aposentada de inglês como segunda língua, diplomou-se pela Universidade da Califórnia, Berkeley, e Universidade de Harvard. Além disso, fez trabalho de curso na Universidade de Temple na Filadélfia, Pensilvânia, e na Universidade de Oxford, na Inglaterra.*

O inglês é um idioma dinâmico e em mutação. Por causa da natureza da língua, palavras e frases são constantemente acrescentadas ou retiradas. *Carbon neutral* (carbono zero) foi acrescentada à edição do ano passado do *New Oxford American Dictionary* [Novo

Dicionário Oxford Americano] e denominada a “palavra do ano” por causa da preocupação com as mudanças climáticas. *Blog* (“blogue”), *to blog* (“bloguear”) e *blogging* (ato de “bloguear”) entraram no léxico comum. Esse dinamismo também é real para a linguagem metafórica ou idiomática e seu uso nos Estados Unidos.

Expressões idiomáticas são palavras ou frases que não podem ser entendidas literalmente, mas são derivadas. (O dicionário Webster define expressão idiomática como “modo peculiar de dizer algo que se tornou estabelecido após longo tempo de uso”). Expressões idiomáticas existem em todas as línguas. Elas são, contudo, particularmente comuns no inglês oral americano.

As expressões idiomáticas americanas derivam de muitas fontes, inclusive da cultura de esportes e jogos. Talvez por causa da atmosfera informal, a língua usada pelos



Nikki Boertman/AP Images

Jogador profissional de basquete faz uma enterrada

repórteres esportivos, fãs e os próprios jogadores produziu muitas palavras e frases usadas em outros contextos. Frases referentes a esportes estão sempre mudando: a expressão *lay-up*, que no basquete significa arremesso fácil próximo à cesta e, fora do mundo do basquete, costumava significar tarefa fácil, evoluiu para *slam dunk* (“enterrada”), já que o porte atlético e o tipo físico mais desenvolvidos possibilitaram aos jogadores saltar acima do aro e empurrar a bola com força para dentro da cesta.

O conhecimento de expressões ou metáforas americanas, especialmente aquelas referentes a esportes e jogos, é essencial para o domínio da linguagem coloquial do inglês americano. Os jogos conquistaram o coração e a mente dos americanos. Termos relacionados a eles foram associados a trabalho e comércio. *To pinch hit* (colocar um jogador da reserva) ou *carry the ball* (carregar a bola), duas expressões do beisebol e futebol americano, quando usadas no seu sentido idiomático em vez do literal significam que uma pessoa substituirá ou trabalhará em um projeto

para um colega ou chefe. Não entender os jogos, termos e expressões que deles se originam prejudica a comunicação.

O uso de uma palavra ou expressão muda com a popularidade dos jogos praticados e a psique do país, da região e da pessoa que as usa. Por exemplo, expressões idiomáticas baseadas em termos da atividade de velejar, tais como *take a new tack* (mudar de rumo) ou *bail out* (abandonar um projeto, trabalho ou relacionamento) provavelmente são mais usadas na costa oeste e leste dos Estados Unidos do que no interior, e uma pessoa cujo hobby é velejar sem dúvida as usará com maior frequência. Há muitas expressões do futebol americano e do beisebol usadas nos Estados Unidos por causa da grande popularidade desses esportes.

Nas sabatinas de confirmação de Condoleezza Rice no Senado para o cargo de secretária de Estado, um senador republicano, usando metáforas do futebol americano, comentou as respostas da candidata às perguntas dizendo “...houve algumas defesas e táticas de marcação usadas contra a secretária, porém ela não se deixou abater”.

Algumas expressões são de uso internacional. *Always on the ball* (Sempre com a bola), anúncio da Ticketmaster de Nova York com a fotografia de uma bola, será entendido na tradução por pessoas de todo o mundo. Como também será a expressão *game plan* (plano de jogo), usada pelo professor David G. Victor da Universidade de Stanford ao falar sobre a meta global do presidente Bush para reduzir as emissões de gases do efeito estufa. De acordo com um artigo do *New York Times* de 1º de junho de 2007, Victor afirmou que “a meta dificilmente seria levada tão a sério como deveria sem algum tipo de plano de jogo claro [interno dos EUA]”.

Algumas são mais difíceis: um artigo do *New York Times* de 4 de junho de 2007, intitulado “Fortunas políticas



Darron Cummings/AP Images

Jogador de futebol americano carrega ou corre com a bola



“O Sr. Foster está aqui. Ele quer apenas tocar as bases (conversar)”

© The New Yorker Collection 1988, Henry Martin de cartoonbank.com. Todos os direitos reservados.

him (Dois pontos contra ele) é uma expressão do beisebol que denota que o rebatedor só tem mais uma chance antes de cair fora. A sentença *He hit a home run to left field with two strikes against him* (Ele fez uma grande jogada quando estava prestes a ser eliminado), poderia ser uma sentença para um aluno praticar, uma vez que é necessário a compreensão dessa frase em seu sentido literal. O sentido idiomático pode então ser praticado em uma sentença do tipo *He had two strikes against him when he interviewed for the job, because he had no experience* (Ele tinha poucas chances quando foi entrevistado para o emprego, porque não possuía nenhuma experiência).

Algumas frases, tais como *play hardball* (jogar duro) são mais comuns no sentido derivado ou idiomático. A sentença, *Let's play hardball on this contract* (Vamos jogar duro nesse contrato),

por exemplo, significa que uma parte pretende fazer pouca ou nenhuma concessão na negociação com a outra parte. Esse uso é mais típico do que seu significado literal: jogar beisebol, jogo que usa uma bola feita de material duro.

Em muitos casos, o aluno, empresário ou político em uma conferência podem ouvir uma frase idiomática e tentar deduzir o significado pelo contexto do encontro. Se há confusão, o aluno pode perguntar a alguém mais tarde ou usar um dos muitos livros de frases idiomáticas ou sites da internet disponíveis para descobrir a expressão e seu significado. O aluno ou profissional deverá então praticar o uso da expressão com um amigo, de preferência alguém versado no inglês coloquial. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

de Romney estão relacionadas às riquezas adquiridas em negócios” afirma: “Bain [a empresa de Romney] e seus investidores arrancaram pagamentos especiais de mais de US\$ 100 milhões de cada empresa, permitindo à Bain ter um lucro considerável mesmo antes de revender suas empresas — prática conhecida como *getting back your bait* (recuperar, se não o peixe, pelo menos a isca)”. Essa expressão refere-se a um termo de pesca.

As expressões são muitas vezes difíceis para o falante não nativo aprender fora do contexto de suas fontes originais. Pensar em categorias ajuda: esportes coletivos, tais como basquete e futebol frequentemente têm as mesmas regras, os mesmos termos e campos que seus pares internacionais. Jogos de cartas, caça e pesca são semelhantes aos mesmos jogos e esportes em outros países. Essa estrutura, ou contexto, na qual o termo se originou facilita a aprendizagem tanto do uso literal quanto do idiomático. E a familiarização com os jogos americanos também pode ser melhorada por meio das transmissões de jogos de beisebol, futebol e basquete ou eventos Olímpicos na TV. O contexto de uma sentença é importante. *Two strikes against*

O Que há de novo? A Influência da Cultura Hip-Hop no Inglês Cotidiano

Emmett G. Price III



Jim Slosiarek/The Gazette/© AP Images

Fazendo uma pausa na pintura de um mural na parede de um centro de jovens de Michigan, inspirado no hip-hop, artista exibe movimentos da dança break

Expressões cunhadas pela juventude urbana ganharam espaço no inglês corrente por meio da chamada geração hip-hop. Emmett G. Price III, Ph.D, é professor assistente de Música e de Estudos Afro-Americanos na Universidade Northeastern de Boston, Massachusetts. Ele é autor de Hip Hop Culture: A Reference Handbook (ABC-CLIO, 2006) [Cultura Hip-Hop: Um Manual de Referência] e redator-chefe do Journal of Popular Music Studies [Revista de Estudos da Música Popular]. É também editor executivo da Encyclopedia of African American Music [Enciclopédia de Música Afro-Americana], de três volumes, a ser publicada pela editora Greenwood Press em 2008.

A língua é produto da sociedade. Ela muda de acordo com as transformações sociais. Um dos maiores sinais de uma língua em mutação é a rápida expansão de seu léxico. Nos últimos 30 anos, os dicionários americanos passaram a registrar um crescimento sem precedentes. Palavras que atestam a rica contribuição das culturas mundiais à cultura americana, palavras criadas para uso científico, palavras que reconhecem os avanços tecnológicos e, naturalmente, as que representam a cultura contemporânea expandiram a língua inglesa. No entanto, foi essa última categoria, mais que qualquer outra influência, que mudou a língua mais rapidamente.

Essas mudanças foram desencadeadas por palavras criadas por jovens e adultos jovens que se sentem capacitados a codificar e rotular suas próprias realidades com novas expressões: palavras que envolvem novas ponderações, novas buscas, novos anseios e novas idéias (mesmo que essas idéias não sejam tão novas assim). Em *The Hip Hop Generation: Young Blacks and the Crisis in African-American Culture* [A Geração Hip-Hop: Jovens Negros e a Crise na Cultura Afro-Americana], Bakari Kitwana considera que só os nascidos entre 1965 e 1984 podem pertencer à geração hip-hop. É evidente que o ano de 1984, o último dessa geração, segundo Kitwana, não abrange todo o leque de opções, visto que testemunhamos o surgimento de várias gerações de hip-hop, cada uma delas trazendo novas contribuições e perspectivas à língua inglesa.



Stephen Chermir/AP Images

Russell Simmons é pioneiro do movimento hip-hop e tem sido porta-voz e defensor da comunidade

CULTURA HIP-HOP

Durante os anos 1960 e 1970 – quando as ruas da cidade de Nova York explodiram em violência, degradação social e falência econômica —, crianças de pouca idade de áreas carentes da cidade, pertencentes a várias etnias, criaram sua própria solução para os desafios traumáticos enfrentados continuamente. Por meio da unificação de elementos preexistentes – conversa e canto ritmado do rap, grafite, dança e mixagem de discos (um método de usar o equipamento de som e os discos para criar novos sons e combinações a partir das gravações originais — *scratching*, repetições rápidas de segmentos, remixagens, etc.), jovens os mais diversos encontraram uma alternativa para a falta de horizontes dos lugares onde viviam.

Em meados da década de 1970, esse fenômeno local foi ignorado pela corrente principal da sociedade americana; no entanto, por volta dos anos 1980, a cultura hip-hop ganhou não somente presença nacional, mas também mundial. Filmes como *Wild Style*, *Style Wars* e, depois, *Beat Street* (Na Onda do Break) e *Breakin'* levaram às audiências internacionais as diversas facetas da cultura hip-

hop, incluindo a forma única de falar e escrever inglês. Por volta dos anos 1990, a mídia impressa e falada e mesmo os videogames foram dominados pela presença e influência da nova cultura. Empresas como Burger King, Coca-Cola, America Online (AOL), Nike e Reebok lançaram campanhas de propaganda e marketing apresentando a cultura hip-hop como atração principal, respondendo à imagem popular/atual desses elementos e, ao mesmo tempo, ajudando a integrá-los na cultura mais ampla. Em meio à dança, moda e vários elementos musicais, o que rapidamente chamou a atenção de muitos foram as novas regras para falar, ler e escrever inglês.

A LINGUAGEM DO HIP-HOP

A cultura popular dos Estados Unidos produz há muitas gerações uma influência única sobre o inglês cotidiano. A música afro-americana tem cumprido de várias maneiras um papel demonstrativo nessa evolução. Desde a época que precedeu o surgimento do *spirituals* e do *blues*, a música afro-americana tem informado seus ouvintes (em sua maioria negros, desde o início) sobre os acontecimentos do dia e as estratégias de libertação dentro da rede cultural.

Com o passar dos anos, muitas das palavras e frases tornaram-se integradas e passaram a ser usadas por comunidades externas que haviam compreendido o contexto e o significado delas. Esse processo de adaptação cultural ocorreu em muitas das comunidades e enclaves étnicos dentro dos Estados Unidos. No entanto, foi a música afro-americana, contendo muito dessa linguagem, que informou boa parte da cultura americana dominante.

A linguagem da cultura hip-hop é uma extensão do vernáculo antigo e atual. Palavras como *hot* (anos 1920), *swing* (anos 1930), *hip* (anos 1940), *cool* (anos 1950), *soul*



The Plain Dealer, Roadell Hickman/AP Images

Mesmo programas oficiais, como este acampamento de verão de artes para crianças em Ohio, usam temas e imagens da moda ou de hip-hop para atrair públicos jovens

(anos 1960), *chill* (anos 1970) e *smooth* (anos 1980) foram redefinidas e adaptadas para a linguagem do hip-hop. Ela se transformou na resposta da próxima geração à antiga indagação — O que há de novo?

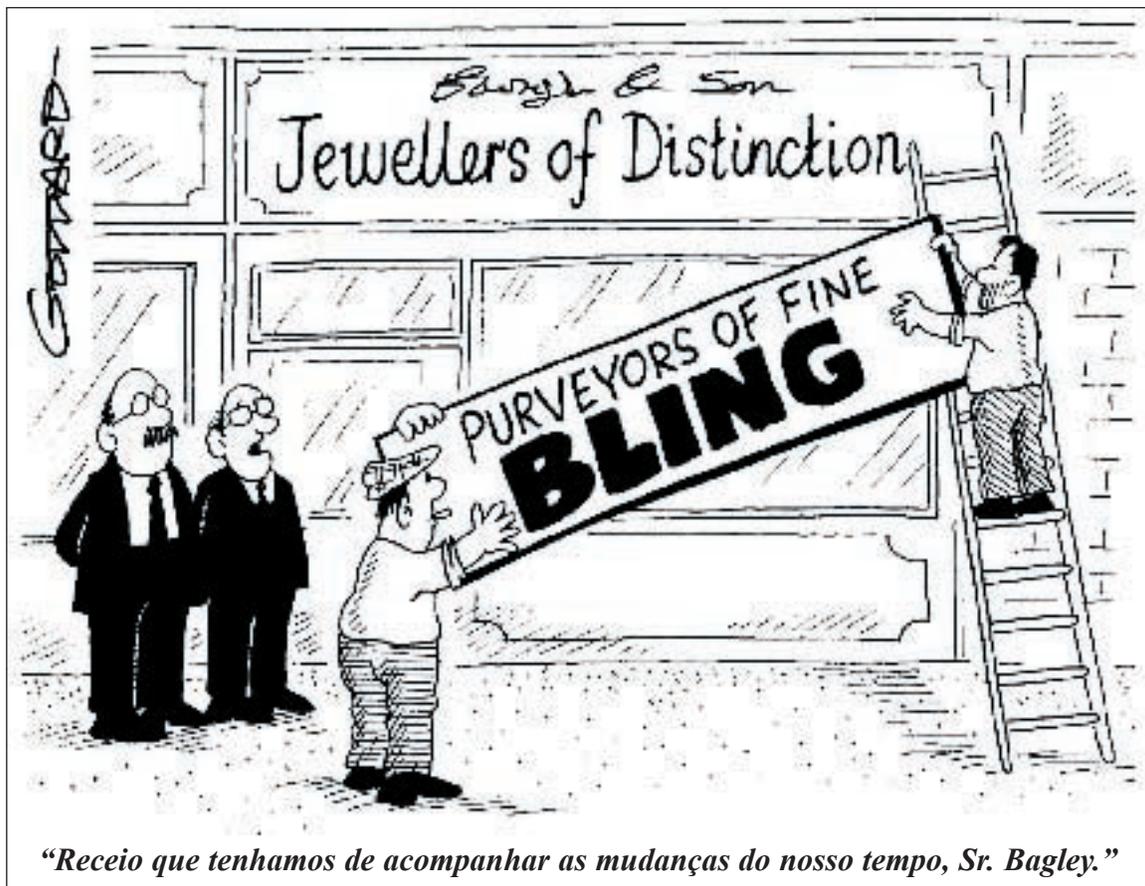
O IMPACTO DA CULTURA HIP-HOP

Talvez o maior impacto da cultura hip-hop seja sua habilidade de reunir pessoas de crenças, culturas, raças e etnias diferentes como forma de expressão característica dos jovens (que estão agora na meia-idade), tanto no nível individual quanto no coletivo. Ela tem influenciado não só o inglês americano como várias línguas em todo o mundo. Nações multiculturais possuem comunidades vigorosas de hip-hop que foram obrigadas a buscar uma solução para conseguir lidar com palavras e fraseados novos. Do hip-hop da Alemanha ao da Austrália, do rap das Filipinas ao do Azerbaijão e do Níger, esse estilo musical tem influenciado a língua e a cultura desses países.

Seja pela adição da expressão *bling-bling* (tilintar de jóias e pedrarias) ao *Oxford English Dictionary* em 2003 ou a inclusão do termo *crunk* (estilo de rap do sul dos EUA, que também tem o sentido de divertir-se, embriagar-se,

ouvir música alto) na edição de 2007 do *Merriam-Webster Collegiate Dictionary*, a cultura hip-hop está mudando a natureza, o som e as regras da língua inglesa. Palavras como *hood* (forma abreviada de vizinhança), *crib* (traduzida como lugar de residência) e *whip* (com o sentido de carro) tornaram-se comuns nas conversas do dia-a-dia. Expressões como *what's up* (oi!), *peace out* (tchau) e a extremamente popular *chill out* (relaxar) são usadas normalmente em programas de televisão, filmes e mesmo em comerciais das 500 empresas da revista Fortune. O inglês americano é um organismo vivo, e com mecanismos vibrantes como a cultura hip-hop e o rápido desenvolvimento da tecnologia, quem pode adivinhar o que vamos falar ou escrever nos próximos 30 anos? Quer sejam os Estados Unidos uma “nação hip-hop”, como afirmou a revista Time na capa da edição de 5 de fevereiro de 1999, ou não, é bastante evidente que o inglês tem sido altamente influenciado por essa nova cultura. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

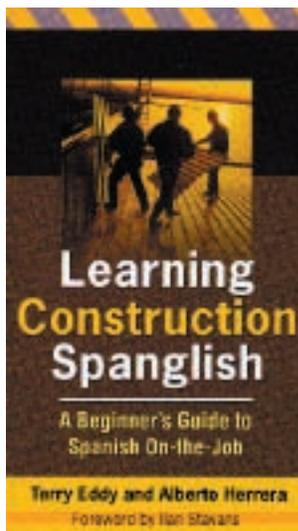


“Receio que tenhamos de acompanhar as mudanças do nosso tempo, Sr. Bagley.”

Essa charge mostra a gíria do momento substituindo “Jóias” no letreiro acima da loja. Ela foi publicada no Reino Unido

Espanglês: Falando a Língua Louca

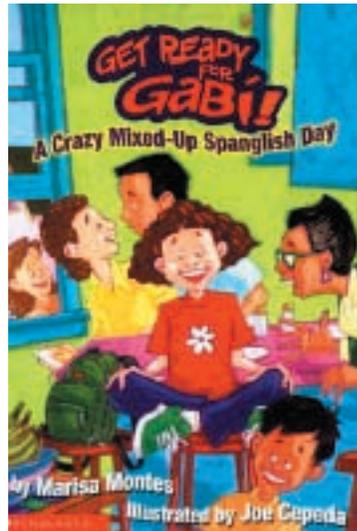
Ilan Stavans



Learning Construction Spanglish, Terry Eddy e Alberto Herrera, © 2005 The McGraw-Hill Companies, Inc.



Spanglish: The Making of a New American Language, Ilan Stavans, © 2003, HarperCollins Publishers



Direitos autorais da ilustração da capa de GET READY FOR GABI! A CRAZY MIXED-UP SPANGLISH DAY, de Marisa Montes, © 2003 por Joe Cepeda. Reimpresso com permissão de Scholastic Inc

Três dos diversos livros que tratam do espanglês: *Learning Construction Spanglish* [Aprendendo o Espanglês da Construção Civil] ajuda os operários da construção a se comunicarem no ambiente cada vez mais heterogêneo em que trabalham. *Spanglish: The Making of a New American Language* [Espanglês: A Construção de Nova Linguagem Americana], de Ilan Stavans, descreve o fenômeno do espanglês. *Get Ready for Gabi! A Crazy Mixed-Up Spanglish Day* [Prepare-se para Gabi! Um Dia Muito Louco de Espanglês] é um livro infantil. [O material da SCHOLASTIC não deverá ser publicado, retransmitido, divulgado, modificado ou adaptado (reescrito), manipulado, reproduzido ou distribuído e/ou explorado de nenhum modo sem a autorização prévia por escrito da Scholastic Inc.]

O autor explica como e por que o espanhol e o inglês se misturaram nos Estados Unidos para criar uma língua híbrida, cada vez mais usada não apenas oralmente como também por escrito. Ilan Stavans é professor da cátedra Lewis-Sebring de Cultura Latino-americana e Latina da Universidade de Amherst, em Amherst, Massachusetts. Seus livros incluem Spanglish: The Making of a New American Language (HarperCollins) e Lengua Fresca [Língua Fresca] (Houghton Mifflin).

O crescimento da minoria latina nos Estados Unidos, seguramente cerca de 43 milhões de acordo com dados de 2005 do Bureau do Censo dos Estados Unidos, está em um momento crítico, forjando uma identidade única. O espanglês, mistura do espanhol e do inglês, usado de maneira indistinta na rua, nas salas de aula, entre políticos, nos púlpitos religiosos e, naturalmente, no rádio, na televisão e na internet, é a manifestação mais destilada dessa identidade.

Historicamente, as raízes do espanglês remontam ao período colonial americano, durante o qual a civilização

ibérica deixou suas marcas na Flórida e no Sudoeste. Até 1848, quando o México vendeu quase dois terços de seu território (Colorado, Arizona, Novo México, Califórnia e Utah) a seu vizinho, o espanhol era a língua dos negócios e da educação. Interagia com as línguas dos aborígenes. Com a chegada dos anglo-saxões, o espanhol e o inglês começaram um processo de hibridização. Esse processo foi reforçado no fim do século 19, com o advento da Guerra Hispano-Americana. Os americanos chegaram à Bacia do



A mistura de espanhol e inglês pode ser desafiadora

Caribe, levando com eles o idioma inglês.

Embora o espanhol seja também ouvido em várias partes do mundo hispânico, da Catalunha espanhola aos Pampas

BALDO

BY HECTOR CANTÚ AND CARLOS CASTELLANOS



A tira cômica Baldo aparece diariamente em cerca de 200 jornais dos EUA. O adolescente Baldo vive nos Estados Unidos e mescla sua herança porto-riquenha com a cultura dominante. Seu mundo está cheio de elementos mesclados, inclusive o nome da loja em que trabalha, Auto y Rod, Inc.

argentinos, foi nos Estados Unidos que ele floresceu. É provável ouvi-lo em áreas rurais, mas é nos grandes centros urbanos em que os hispânicos se instalaram — como Los Angeles, Califórnia; San Antonio e Houston, Texas; Chicago, Illinois; Miami, Flórida; e na cidade de Nova York — que sua influência é mais fortemente sentida. No entanto, não existe um espanhol único, mas diferentes tipos: chicano, cubano, porto-riquenho, dominicano etc. Seu uso varia de um lugar para outro e de geração a geração. Uma mexicana recentemente imigrada da cidade fronteiriça de El Paso, Texas, por exemplo, provavelmente usará determinados elementos que a distinguem de uma colombiano-americana de segunda geração do Estado de Nova Jersey, localizado no nordeste do país.

Em geral, são três as estratégias empregadas por todos os locutores em algum instante: troca de código, quando ocorre a alternância de elementos do espanhol para o inglês na mesma frase; tradução simultânea; e a cunhagem de novos termos não encontrados nem no *Oxford English Dictionary* nem no *Diccionario de la Lengua Española*. Por exemplo, *Wáchale!* para *Watch out!* (Cuidado!) e *rufó* para *roof* (telhado).

Há miríades de línguas “fronteiriças” no mundo inteiro, entre elas o *Français* (francês e inglês), o *Portuñol* (espanhol e português) e o *Hibriya* (hebreu e árabe). O fato de serem todas controversas não é surpreendente. Algumas pessoas as vêem como esforços verbais mal alinhavados, nem cá nem lá; outras aplaudem sua inventividade. Também o espanhol é polêmico. É a prova, argumentam seus críticos, de que os latinos não estão se integrando à cultura americana da maneira como fizeram os imigrantes anteriores. Minha perspectiva pessoal é diferente. Os latinos já são a minoria mais numerosa. Seu esquema de

imigração não é idêntico ao de outros grupos. Para início de conversa, seu lugar de origem está bem próximo. Sua chegada é contínua, diferentemente de outros grupos, em que a maioria chegou durante um período específico. E parte significativa do território que constitui os Estados Unidos de hoje usou o idioma espanhol durante séculos.

Mais ainda, é necessário considerar o impacto da



Esta criança de seis anos do Kansas tem aulas em duas línguas ou bilingües



Cortesia: <http://www.theredsox.com>

Torcedores da equipe do Boston Red Sox, da divisão principal de beisebol, incentivam seu time em muitas línguas, inclusive o espanhol

educação bilíngüe, um programa com financiamento federal que se espalhou por toda a nação na década de 1980. Os escolares hispânicos que passaram pelo programa têm ligação, por mais tênue que seja, tanto com o espanhol quanto com o inglês. De forma cumulativa, esses aspectos explicam por que o espanhol, diferentemente de outros idiomas de imigrantes, não desapareceu. Pelo contrário, sua presença nos Estados Unidos está ganhando impulso. Mas ele não existe em estado puro, inalterado. Em vez disso, está constantemente em alteração, adaptando-se a novos desafios.

Venho registrando termos de espanhol há uma década — e me apaixonei por esse fenômeno. Em 2003, publiquei um léxico de aproximadamente 6 mil palavras e traduzi para o inglês o primeiro capítulo de *Don Quijote de La Mancha*, de Cervantes. Continuei a tradução e concluí agora a primeira metade do livro.

A curiosidade sobre o espanhol é muito grande. É um dialeto? Deve ser comparado ao crioulo? Quais as semelhanças com o inglês dos negros? Tornar-se-

á um idioma completo, auto-suficiente, com sintaxe identificável? Os lingüistas parecem ter respostas diferentes para essas perguntas. Pessoalmente, respondo à última pergunta com uma citação do lingüista Max Weinreich, que escreveu uma história do iídiche em vários volumes. Weinreich disse que a diferença entre uma língua e um dialeto é que a língua tem um exército e uma armada por trás dela. Muitas vezes também chamo a atenção para o fato de que nas últimas duas décadas ocorreu um esforço para escrever em espanhol em numerosos círculos, quer dizer, a forma de comunicação está deixando de existir em nível estritamente oral. Há romances, histórias e poemas, bem como filmes, canções e incontáveis sites na internet.

Com um sorriso estampado no rosto, um dos meus alunos chama o espanhol “la lengua loca”. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA

Do Árabe para o Inglês

Alan Pimm-Smith



Cortesia: Robin L. Yeager

Embora a palavra mosque (mesquita) tenha origem árabe, atualmente tanto ela como as próprias mesquitas podem ser encontradas em muitas terras não árabes, como a bela Mesquita Azul de Istambul, na Turquia, nesta foto

Centenas de palavras inglesas derivam do árabe. O autor traça as origens de muitos termos técnicos e também de outros comuns. Alan Pimm-Smith é escritor freelancer e trabalhou como professor e jornalista na Arábia Saudita e nos países do Golfo durante muitos anos. Atualmente vive na Turquia.

Quantas palavras do inglês você imagina que vêm do árabe? A resposta imediata é “várias”: *mosque* (mesquita) e *minaret* (minarete), *bedouin* (beduíno) e *sheik* (xeque), *caliph* (califa) e *sultan* (sultão), só para citar algumas. Conhecendo ou não o árabe, conclui-se facilmente que essas palavras vêm do árabe porque se referem a coisas desse povo como, é claro, as palavras *camel* (camelo), *wadi* (uádi, palavra árabe para “rio”) e *dhow* (tipo de embarcação).

Em alguns casos, a versão inglesa da palavra é quase idêntica à original árabe, embora outras sejam diferentes no som ou no significado. *Mosque* não soa igual a *masjid*, e, ainda que se possa usar *bedouin* no singular, de fato essa palavra foi tirada de *bidwan*, forma plural de *bedawi*. *Dhow* vem de *dawa*, mas se você perguntar sobre ela aos seus amigos que falam árabe vai descobrir que não a conhecem, pois caiu em desuso.

Até aqui não há surpresas: todas as palavras mencionadas

referem-se a aspectos da vida dos árabes ou dos muçulmanos, portanto são expressas em árabe. Mas, pode ser uma surpresa saber que mais coisas familiares, como simples frutas e hortaliças, um dia foram igualmente estranhas. As frutas *apricots* (damascos), *oranges* (laranjas), *lemons* (limões) e *limes* (limas) e as hortaliças *artichoke* (alcachofra), *spinach* (espinafre) e *aubergine* ou *eggplant* (beringela) são nomes de origem árabe, embora não pareçam estrangeiras quanto ao paladar ou ao som. A palavra *lemon*, por exemplo, entrou para o inglês medieval vindo do francês médio — e, antes disso, do latim médio — com uma mudança muito pequena de pronúncia do termo árabe *laymun*, nesse processo. *Artichoke*, por outro lado, é difícil de ser reconhecida na palavra árabe *al-khurshuf*, vinda através do italiano.

Há, de fato, centenas de palavras inglesas emprestadas do árabe, embora poucas tenham entrado diretamente. Na maioria, vieram disfarçadas como palavras do francês, espanhol, italiano ou latinas. Nos últimos mil anos, o inglês foi voraz na apropriação de elementos estrangeiros, e palavras de origem francesa e latina agora respondem por cerca de metade do vocabulário do inglês moderno. O francês foi o idioma da nobreza inglesa, da corte e do parlamento do país por pelo menos 300 anos após a Conquista Normanda, em 1066, e



Karel Prinsloo/AP Images

Dhow vem do árabe *dawa*

continuou sendo a língua da lei na Inglaterra até 1731.

Assim, na época medieval, geralmente era por meio do francês que os termos árabes entravam para o inglês. E, talvez, a coisa mais notável sobre essas palavras é que a maioria delas são termos técnicos relativos em especial à matemática, à astronomia e à química. O termo *alchemy* (alquimia), que entrou para o inglês nos anos 1300, vem quase sem mudança alguma do árabe *al-kimya*, que por sua vez derivou do grego. *Alkali* (álcali), *algorithm* (algoritmo) e *almanac* (almanaque) entraram para o léxico inglês mais ou menos na mesma época. A sílaba “al-” nessas palavras vem do artigo definido árabe *al* (o). Assim, por exemplo, *alkali* é derivado de *al-qili*, definido como “as cinzas da barrilheira”. *Alembic* é um aparato usado antigamente na destilação, e a palavra vem de *al-inbiq*, o aparelho de destilação.

A civilização árabe-muçulmana teve seu apogeu durante a Idade Média, e por mais ou menos 500 anos o árabe foi o idioma do saber, da cultura e do progresso intelectual. A maioria dos tratados científicos e filosóficos em grego clássico foi traduzida para o árabe durante o século IX. A partir dessa base, professores, cientistas, médicos e matemáticos fizeram grandes avanços na erudição, que foi transmitida para a Europa Ocidental por meio das universidades muçulmanas da Espanha. Por exemplo, devemos o sistema decimal de cálculo aos matemáticos

árabes, com base no conceito indiano do zero — uma palavra que, como seu sinônimo *cipher* (zero), vem do termo árabe *sifr*, que significa vazio.

Os conhecimentos árabes foram difundidos na Inglaterra medieval do século XI ao século XIII e, na verdade, durante mais algum tempo. Abelard of Bath, então um dos principais eruditos da Europa, traduziu as tabelas de astronomia de *al-Khwarizmi* do árabe para o latim no início dos anos 1.100. Dois termos matemáticos comuns entraram para o inglês desse modo: *algebra* (álgebra) e *algorithm* (algoritmo). Esse último foi tirado do próprio nome de *al-Khwarizmi*, enquanto *algebra* vem de *al-jabr*, que significa “a reunião de partes quebradas”; é uma palavra que aparece em um dos tratados matemáticos de *al-Khwarizmi*, *Hisab al-Jabr w' al-Muqabala*. Curiosamente, tanto a palavra árabe *al-jabr* quanto a inglesa *algebra* também se referem ao tratamento cirúrgico de fraturas ou colocação de ossos no lugar. O *Oxford English Dictionary* [Dicionário de Inglês Oxford], que relaciona definições de acordo com seu uso histórico, dá o primeiro significado de *algebra* como “o tratamento cirúrgico de fraturas” e cita uma frase de 1565: “Essa palavra árabe álgebra significa ao mesmo tempo fraturas de ossos, etc., como às vezes sua restauração”.

Uma das maiores contribuições dos eruditos árabes para o aumento do conhecimento foi o desenvolvimento que deram à ciência da astronomia. Se você consultar um mapa

estelar moderno, encontrará centenas de estrelas cujos nomes vêm do árabe: *Altair*, *Aldebaran* (Aldebarão), *Betelgeuse*, *Vega*, *Rigel* e *Algol*, só para citar algumas. A derivação da última delas é intrigante: vem do árabe *al-ghul*, que significa “demônio” e originou a palavra inglesa *ghoul* (vampiro) e o adjetivo correspondente *ghoulish* (vampiresco). *Algol* foi denominada “*the ghoul*” pelos árabes devido à sua aparência fantasmagórica, pois, como estrela binária eclipsante, parece enevoada e varia em brilho a cada dois dias. Além de nomes de estrelas, muitos termos da astronomia, entre eles, *zenith* (zênite), *nadir* (Nadir) e *azimuth* (Azimute), também derivam do árabe.

As palavras *talisman* (talismã) e *elixir* (elixir) originam-se da alquimia árabe e a palavra *almanac* (almanakh) vem da astronomia árabe. Outras palavras técnicas incluem *caliper* (calibre, compasso), *caliber* (calibre, diâmetro), *aniline* (anilina), *marcasite* (marcassita) e *camphor* (cânfora). Pesamos pedras preciosas em *carats* (quilates) e medimos papel em *reams* (resmas), graças ao árabe; *girat* é uma pequena unidade de peso; *rizmah* significa fardo ou feixe. Duas outras palavras interessantes nessa categoria são *average* (média) e *alcohol* (álcool). *Average*, termo inglês para um conceito matemático corriqueiro, é, na verdade e de forma relativamente obscura, derivado da palavra árabe *awariya*, que significa mercadoria avariada. Esse significado deve-se ao fato de o custo das mercadorias avariadas no mar ter de ser rateado entre as várias partes envolvidas no negócio.

Quanto ao *alcohol*, o termo é derivado de *al-kohl*, o fino pó negro usado no Oriente Médio como espécie de sombra medicinal para os olhos. A relação entre o pó negro e o álcool, como o conhecemos, é pouco evidente, mas podemos perceber a conexão se pensarmos no pó — normalmente é sulfeto de antimônio — como a essência ou o puro espírito de uma substância. Até mesmo no século 19, o poeta Samuel Coleridge, em um de seus ensaios sobre Shakespeare,

descreveu o vilão Iago como “*the very alcohol of egotism*” [a mais pura essência do egoísmo].

A preponderância de termos técnicos e científicos que entraram para o inglês vindos do árabe durante a Idade Média sugere com suficiente precisão a superioridade geral da civilização árabe-muçulmana na área das realizações científicas durante esse período. Bastante revelador também é o fato de que a vasta categoria de palavras árabes abaixo

sugere vantagem em termos de luxo e bens materiais e, por consequência, um padrão de vida mais alto.

Na época de Elizabeth I (1533-1603), os mercadores marítimos ingleses descobriram o mundo além dos limites da Europa e trouxeram objetos, materiais e costumes ricos e exóticos do Oriente Médio e de outros lugares mais distantes. É significativo o fato de que muitas palavras árabes trazidas



Termos de várias especiarias e têxteis e a palavra *coffee* (café) vieram do árabe

pelos viajantes nessa época sugeriram um estilo elegante e até luxuoso de vida. *Sugar* (açúcar), *syrup* (xarope, calda), *julep* (julepo, bebida calmante), *sherbet* (sorvete de frutas) e *marzipan* (marzipã) são todas palavras vindas do árabe, embora nenhuma delas constasse da lista de artigos de mercearia de uma dona de casa elisabetana. *Coffee* vem do árabe *gabwah*, originário do Iêmen, e *mocha* (moca), da cidade portuária do Iêmen com o mesmo nome. Além desses, os nomes das especiarias aromáticas *caraway* (alcaravia), *saffron* (açafraão) e *cumin* (cominho) são árabes.

Há uma riqueza paralela sugerida pelos nomes de adereços exóticos como *sash* (faixa), *shawl* (xale), *sequin* (cequim), *muslin* (musselina), *mohair* (angorá), *damask* (damasco) e *cotton* (algodão). Desses, *muslin* tirou seu nome de Mosul, no Iraque, onde era feita, enquanto *sash* é uma variação árabe de *muslin*. O tecido *damask*, como é evidente, vem de Damasco. Mesmo a palavra *tabby*, agora aplicada a gatos de um certo tipo (malhados), tem sua origem no tafetá de seda listado que era produzido no distrito de *al-Tabiyya* de Bagdá. *Sequin* tem sua origem na palavra árabe *sikkah*,



Gustavo Ferrari/AP Images

al-bahr, “príncipe do mar”. *Arsenal* (arsenal) vem de *dar as-sin'ah*, “casa de fabricação” ou oficina e, antes disso, de *sin'ah*, com o significado de “arte, perícia, habilidade”, ao passo que *magazine* (loja) vem de *makzan* (armazém). *Tariff* (tarifa), palavra relacionada com o comércio, também tem a mesma origem.



© AP Images

As palavras *camel* (camelo), *saffron* (das flores do açafrão) e *jar* (jarro) são todas de origem árabe

com o significado de matriz para cunhar moedas.

Sofá (sofá), *alcove* (alcova, nicho), *jar* (jarra) e *carafe* (garrafa), cada um deles sugestivos de um certo modo de vida confortável, também foram emprestados

do árabe: *sofá* vem de *suffah* (banco longo); *alcove*, de *al-qubbah* (o arco); *jar*, de *jarrah* (vaso de água feito de barro); *carafe*, de *gharrafah* (garrafa). Nosso vocabulário também foi enriquecido com as cores *crimson* (carmesim), *carmin* (carmim), *azure* (anil) e *lilac* (lilás), todas elas derivadas de nomes árabes. E quanto a atividades de lazer, há palavras como *racket*, como na raquete de tênis, do árabe *raha*, “a palma da mão”.

Os árabes sempre foram um povo dedicado à navegação e ao comércio, portanto, não é de surpreender que se descubram palavras relativas a essas atividades no repertório de palavras emprestadas do árabe. Os marinheiros falam de *mizzen masts* (mastros da mezena) porque a palavra para mastro em árabe é *mazzan*. *Admiral* (almirante), estranhamente, vem de *amir al-*, forma truncada de *amir*



Cortesia: Robin L. Yeager

Há muitas outras palavras interessantes — *adobe* (adobe), *crocus* (croco), *genie* (gênio) e *popinjay* (papagaio), por exemplo — que são mais ou menos versões truncadas (*garbled*) de palavras árabes. Até mesmo a palavra *garbled* pode ter sua origem traçada do árabe, já que vem de *gharbala*, termo cujo significado de “peneirar ou escolher”, referente às especiarias para venda, depois teve seu sentido alterado para a idéia de mistura e confusão. Mas truncadas ou não, as palavras que compõem o repertório derivado do árabe enriqueceram muito a língua inglesa. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

ÁRABE A CAVALO

Gary Paul Nabhan

Meio mundo distante de suas origens, os termos árabes para cavalos, cavaleiros e os acessórios correspondentes encontraram um novo lar nas terras desertas do sudoeste dos Estados Unidos. Esses termos passaram do árabe para o espanhol e chegaram ao inglês americano quando as tradições espanhola e “anglo” se encontraram.

No início do século 8, um exército muçulmano composto de árabes e berberes do Norte da África conquistaram boa parte da Península Ibérica. No sul da península, região chamada pelos árabes de al-Andalus, um príncipe sírio da dinastia Umayyad, que havia sido substituída pelos Abbasídes, criou um reino e uma florescente civilização por volta do ano 750. Em 1492, ocorreram dois importantes acontecimentos: a descoberta

do Novo Mundo — propiciando a abertura de todo um novo hemisfério à colonização espanhola e portuguesa — e a expulsão definitiva de muçulmanos e judeus da Espanha, que deixaram uma marca cultural permanente e profunda no povo espanhol.

Durante a colonização do Novo Mundo, os espanhóis — incluindo os refugiados árabes e berberes — levaram com eles seus cavalos, e as palavras árabes que usavam para manejá-los estão agora firmemente alojadas no “linguajar dos vaqueiros”, nos idiomas inglês e espanhol mexicano das terras fronteiriças desertas dos Estados Unidos e do México.



Menina prepara-se para cavalgar seu cavalo árabe

Eric Draper/AP Images

Comecei a ouvir o linguajar dos vaqueiros logo depois de mudar para uma das grandes e antigas comunidades de ranchos nas terras fronteiriças entre Estados Unidos e México em 1975. Minha esposa e eu criamos cavalos, ovelhas e perus e mantemos contato freqüente com vaqueiros, fazendeiros e veterinários de animais de grande porte, e todos eles usam termos de origem árabe, introduzidos na região há mais de quatro séculos e meio, de forma tão natural e despreocupada como meus filhos falam computerspeak (a língua dos computadores.)

Por exemplo, eles se referem a um cavaleiro extremamente hábil como one damn fine jinete (um ginete pra lá de bom), termo que remonta a um estilo fluido de cavalgar desenvolvido no Norte da África para o campo de batalha e que agora

é dirigido ao próprio cavaleiro. A palavra originou-se do espanhol de Sonora xinete, que por sua vez veio do zanati andaluz, um eco do nome da tribo Zanatah do que é hoje a Argélia.

Os vaqueros (vaqueiros) de Sonora e os cavaleiros que trabalharam com eles podem ainda chamar suas selas de albardón, oriundo do termo ibérico albarda, que tem hoje a conotação de sela de carga e se originou de al-barda'a. Entre os acessórios usados por esses caubóis destaca-se um cinto de couro que chamam de acion, do árabe as-siyur. Um chicote pode ser azote (açote) — do árabe as-sut. Tiras

de cabedal são chamadas argollas (argolas), do árabe allgulla. Talvez meu termo favorito de acessório derivado do árabe seja uma palavra amplamente usada para cabeçada ou cabresto de corda: hackamore. Sua origem é andaluza, sendo derivada diretamente da palavra jaquima, que ecoa o termo árabe sakima, algo usado na cabeça.

Há também muitos termos para as cores dos animais que podem remontar à sua origem árabe. Por conta do meu daltonismo, levei um certo tempo antes mesmo de começar a ouvir as palavras que os vaqueiros usam para a pele dos cavalos, gado e mesmo ovelhas. Mas certamente consegui distinguir um almagre, garanhão da cor de ferrugem, e eu sabia que o termo é derivado do árabe al-magra, “terra vermelha”.

No entanto, o termo de cor que mais me deixou perplexo foi o uso do nome Alice-Ann para alazão, um cavalo que é marrom avermelhado do focinho à cauda. Levei algum tempo para perceber que era derivado do árabe al-azan, tipo de madeira avermelhada, via o alazán (alazão) espanhol. Recentemente, li uma quintilha humorística de um homem chamado Jac que brincava com o duplo sentido aparente de Alice-Ann:

On the frontier a cowboy's best gal
Was called Alice Ann, and not Sal.
The trick is, of course,
That this friend was a horse
So an Alice could be a male pal.

(Tradução livre) Na fronteira, a melhor amiga do caubói chamava-se Alice Ann, e não Sal. O truque é, naturalmente, que esse amigo era um cavalo, portanto Alice podia ser nome de um macho.

Gary Paul Nabhan é autor de 20 vinte livros, entre os quais *Why Some Like It Hot* (Island Press, 2004) [Por Que Alguns Gostam do Quente], sobre a co-evolução das comunidades e suas comidas nativas, e de uma coleção de ensaios a ser publicada pela Editora da Universidade do Arizona, *What Flows Between Dry Worlds: Culture, Agriculture and Cuisine in Arabian and American Deserts* [O Que Circula Entre Dois Mundos Áridos: Cultura, Agricultura e Cozinha nos Desertos Árabe e Americano]. Para contatá-lo, acesse o site gary.nabhan@nau.edu. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Este artigo apareceu nas páginas 36-38 da edição impressa da revista Saudi Aramco World de março/abril de 2007. Verifique o Arquivo de Imagens Digitais de Assuntos Públicos para as imagens de março/abril de 2007.



Vaqueiro americano típico conduz o gado em Wyoming

Jasper Ingalls/© AP Images

Recursos adicionais

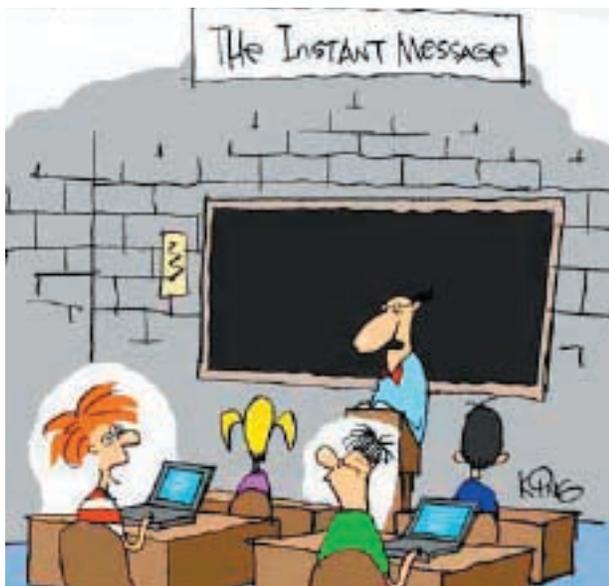
Livros

Berger, Harris M. e Michael T. Carroll, orgs. *Global Pop, Local Language* [O Idioma Local na Música Pop Global]. Jackson: University Press of Mississippi, 2003.

Ostler, Rosemarie. *Dewdroppers, Waldos, and Slackers: A Decade-by-Decade Guide to the Vanishing Vocabulary of the Twentieth Century* [Dewdroppers, Waldos e Slackers: Guia do Vocabulário em Extinção em cada Década do Século 20]. Oxford; Nova York: Oxford University Press, 2003.

Pennycook, Alastair. *Global Englishes and Transcultural Flows* [O Inglês no Mundo e Fluxos Transculturais]. Nova York: Routledge, 2006.

Stenström, Anna-Brita, Gisle Andersen e Ingrid Kristine Hasund. *Trends in Teenage Talk: Corpus Compilation, Analysis, and Findings* [Tendências na Fala dos Adolescentes: Formação do Corpus, Análises e Descobertas]. Amsterdã; Filadélfia, PA: J. Benjamins, 2002.



“Como eles sobreviviam às aulas chatas nos tempos em que se usava papel? Hoje posso usar o meu IM (Instant Messaging), que é como fazer anotações”

Salas de aula que usam laptops representam um novo desafio para os professores e recursos mais modernos para os alunos desviarem a atenção durante as aulas

Sites na Internet

GOVERNO DOS EUA

Departamento de Estado dos EUA
Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais

Fórum de Ensino de Inglês
<http://exchanges.state.gov/forum>

Catálogo de Publicações
<http://exchanges.state.gov/education/engteaching/pubs/>

Voz da América
Curso de Inglês da Rádio VOA
<http://www.dyned.com/voal>

INSTITUIÇÕES QUE NÃO PERTENCEM AO GOVERNO DOS EUA

American English [Inglês Americano]
Serviço Público de Radiodifusão
<http://www.pbs.org/speak/>

English Daily [Inglês no Dia-a-Dia]
<http://www.englishdaily626.com.htm>

Urban Dictionary [Dicionário Urbano]
<http://www.urbandictionary.com>

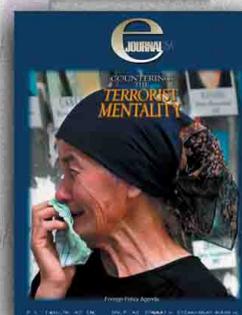
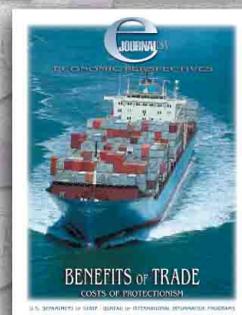
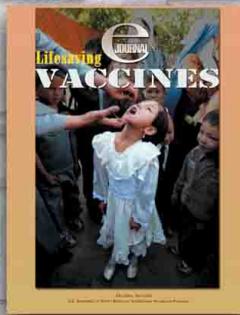
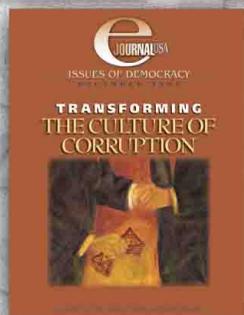
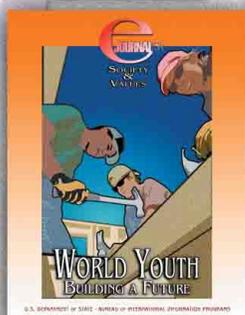
O Departamento de Estado dos EUA não se responsabiliza pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em agosto de 2007.



**REVISTA MENSAL
SOBRE OS EUA
EM VÁRIOS
IDIOMAS**

Cinco edições temáticas:

- Perspectivas Econômicas
- Agenda de Política Externa
- Questões Globais
- Questões de Democracia
- Sociedade e Valores



VEJA A RELAÇÃO COMPLETA DOS TÍTULOS EM
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>